

Corp[a]o, Memória e Tradição: A simbologia da cabaça no cosmo-encapoeirado

Sandy Cristine Prata de Oliveira¹
Laercio Oliveira Simões²
Vânia Cristina da Silva Rodrigues³

Resumo: O presente estudo reflete sobre a importância da cabaça como elemento central nas manifestações culturais amefricanas, com ênfase na Capoeira Angola, a partir do olhar do feminismo angoleiro conceituado por Rosângela Araújo (Mestra Janja). A análise fundamenta-se na experiência de dois artistas pretos, no contexto da pós-graduação em educação, que destacam a interculturalidade e as tradições afro-brasileiras como influências determinantes em suas práticas e saberes. Diante disso, enfatiza-se a corp[a]o como suporte de memórias e resistência cultural, reconhecendo a corporeidade negra, sobretudo feminina, como fundamental na construção de narrativas emancipadoras. A cabaça, enquanto símbolo de ancestralidade, circularidade e potência, é reinterpretada no feminismo angoleiro como uma metáfora do corpo feminino, desafiando a objetificação e afirmando sua centralidade na cultura de resistência. Além disso, o estudo discute a cabaça como caixa de ressonância do berimbau, essência na amplificação sonora da capoeira e na preservação da ginga contra o apagamento cultural, promovendo uma reconfiguração do protagonismo da feminilidade na narrativa cultural afro-brasileira. Como símbolo de resistência, identidade e circularidade, a cabaça assume, na perspectiva do feminismo angoleiro, o papel de instrumento para reafirmar a centralidade das mulheres pretas na cultura popular, na história e na luta por justiça social questionando a parceria de outros grupos étnicos-sociais, sobretudo os homens. Por fim, o artigo propõe uma articulação entre corp[a]o, cabaça e Capoeira Angola, evidenciando a importância da memória, das tradições e do protagonismo feminino na consolidação da identidade afro-brasileira na contemporaneidade. Ao estabelecer essas conexões, busca-se aprofundar o entendimento sobre as relações entre cultura, resistência, gênero e saberes ancestrais, contribuindo para a valorização de práticas amefricanas e para a desconstrução de narrativas limitadoras que marginalizam as mulheres pretas na história e na cultura.

¹ Mestra em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. sandyprata13@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-1761-9550>.

² Mestre em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. oliveirasimoeslaercio07@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0006-4584-0224>.

³ Doutora em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. vania.rodrigues@uftm.edu.br <https://orcid.org/0000-0003-3642-9418>.

Palavras-chave: cabaça. corp[a]o encapoeirado. memória.

*Na terra, o sol a acaricia,
Cresce a cabaça, simples e forte,
Usada nas mãos do sábio,
Em rituais que falam de sorte.*

*Na roda de samba, ressoa o som,
Batuque que nasce do coração,
De cabaça, o eco que se espalha,
Melodia da nossa tradição.*

*Na cozinha, ela guarda o segredo,
Do mingau quentinho, cheio de afeto,
Entre as mãos da avó, que, com cuidado,
Transforma o simples no mais perfeito.*

*Na festa, enfeita com cores mil,
Enfeites, máscaras, um brilho sutil,
No carnaval, a cabaça se põe,
No rosto, revelando a alma do Brasil.*

*No campo, a água nela é armazenada,
Refresco da vida na jornada,
Simples e humilde, mas sempre leal,
Cabaça, presença fundamental.*

*Assim, no chão e no céu, ela vive,
Em cada uso, a história revive,
Da roça ao palco, do passado ao presente,
Cabaça, a memória que nos pertence.*

Dedico esse artigo para a Espaço Ayoluwá (em Uberlândia-MG)

Cabaça e Berimbau

*No chão e no céu, ela vive,
Em cada uso, a história revive,
Da roça ao palco, do passado ao presente,
Cabaça, a memória que nos pertence.*

Lhe convido a ler este artigo de outra f(ô)rma. Ele foi estruturado a partir da movimentação da ginga, em cócoras no pé do berimbau ao ouvir a ladainha, no balanço do corpo ao som que ecoa das cabaças ao passar pelo arame e pela verga, dependendo dos corridos que foram evocados, sendo assim, um texto encapoeirado!

Para Falcão (2021) a cabaça, porongo, coité e catuto são denominações regionais para frutos de plantas semelhantes, utilizados como caixas de ressonância do berimbau. A cabaça e o porongo vêm de uma planta da espécie *Lagenaria siceraria*⁴, que apresenta uma enorme variedade de tamanhos e formas. Essas cabaças são originárias da região Sul da África e são muito antigas, tendo sido utilizadas na fabricação de utensílios como cuia de chimarrão e maracas, além de instrumentos musicais em diferentes culturas ao redor do mundo (Brasil, Índia, Peru).

Segundo o autor, o Coité (*Crescentia cujete*) pertence à família *Bignoniaceae*, considerado um fruto arredondado com casca dura, que pode atingir até 25 cm de diâmetro. É cultivado em árvores perenes e serve como vasilhame, boia para redes de pesca e na confecção de instrumentos musicais como maracás, chocalhos e xequerês. Sua polpa e sementes também são utilizadas para tingimento.

A cabaça é uma planta originária da roça, meu mestre de Capoeira se sustenta com seu plantio, ela possui uma relação profunda com a terra. Originária de solos secos, a cabaça germina sob a influência da chuva e do sol, carregando desde sua formação a força da vida natural. Seu ciclo de crescimento reflete o tempo orgânico, adaptando-se aos climas quentes e à fertilidade do solo, tornando-se um elemento integrante da paisagem. Sua casca, resistente e de aparência simples é um reflexo da robustez que a

⁴ “O porongo (*Lagenaria siceraria*) é o fruto de uma planta da família das cucurbitáceas que quando colhido, se deixado secar, torna-se oco com o mesocarpo similar ao aspecto da madeira e o exocarpo liso e impermeável.” (Danieli, Nejeliski, 2015).

natureza exige para sobreviver. Ao atingir a maturidade, oferece uma variedade imensa de usos e tamanhos, no berimbau são diferenciados como Gunga, Médio e Viola.

Como caixa de ressonância do berimbau, sua função transcende a amplificação sonora, pois ela também evoca e preserva a ancestralidade do que se pode chamar cosmo-encapoeirado. Esse aspecto é crucial para a circularidade da Capoeira e para sua permanência em diversos espaços, garantindo que a prática continue sendo um símbolo vivo de identidade e resistência Amefricana.

“A capoeira é manha, é mandinga, é malícia. É tudo que a boca come”, frase dita por Mestre Pastinha, grande referencial da Capoeira de Angola no mundo. Essa expressão ficou famosa ao ser pronunciada na tentativa de descrever a complexidade da manifestação cultural afro-brasileira de resistência e expressão corporal, musical e espiritual. Afinal de contas, o que colocamos dentro de nossas bocas? O que queremos/desejamos para a nossa capoeiragem de hoje? Quem realmente são nossos parceiros/es/as de Capoeira? Quem vai nos passar o berimbau para tocar na roda? Quem toca o berimbau na roda? Esses são alguns dos questionamentos feitos por mulheres angoleiras na preservação da Capoeira.

Neste sentido, o berimbau é considerado um símbolo que articula elementos socioculturais e identitários, resistindo às tentativas de marginalização, repressão à capoeiragem e todo os corpo[a]s que mantém viva a cultura preta. Vale destacar o berimbau, sobretudo, a cabaça como uma “boca que tudo come”, desde seus métodos de plantação (quem planta?) até o “casamento” com a verga/vara de madeira (quem colhe?), na busca de comer liberdade. O berimbau, sobretudo, o tamanho da cabaça que é tocado dentro de uma roda de Capoeira muitas vezes tem gênero, orientação sexual, nome e sobrenome (quem toca?).

Os elementos da cabaça na sua capacidade de acolher e amplificar/potencializar o som, remetem a imagens arquetípicas do feminino presentes em diversas culturas afro-diaspóricas, onde a mulher é vista como princípio gerador e mantenedor da existência. Como observa Santos (2005), muitos símbolos afro-brasileiros associados ao corpo feminino estão ligados à ideia de fertilidade, circularidade e ancestralidade. Nesse sentido, a cabaça pode ser entendida, em muitos lugares, como um útero simbólico, que

gera som, ritmo e vida ao jogo de capoeira. Ao ocupar essa função simbólica, o feminino deixa de ser um apêndice do discurso masculino e passa a ser reconhecido como elemento central na produção cultural.

Contudo, apesar desse potencial simbólico, a crítica feminista alerta para o risco da objetificação do feminino. Em muitas tradições culturais, o corpo da mulher e, por extensão, seus símbolos, são representados como passivo, receptivo e subordinado à ação masculina. Isso se reflete na própria prática da capoeira, onde o protagonismo masculino ainda é predominante, tanto na formação de mestres quanto na narrativa histórica do jogo. Como argumenta Hooks (2019), o patriarcado se sustenta não apenas por meio da exclusão material das mulheres, mas também pela construção simbólica de sua inferioridade, o que se expressa nos discursos, nas imagens e nas práticas culturais.

Ao criticar essa lógica, o feminismo, especialmente o feminismo angoleiro⁵ propõe uma ressignificação nesses significados e imagens. A cabaça, nesse contexto, é ressignificada como símbolo de potência, criação e resistência. Como aponta Carneiro (2011), a valorização dos saberes e símbolos das mulheres negras é um ato de resistência contra a colonialidade do poder e do saber. Reapropriar-se da cabaça como metáfora do corpo feminino é, portanto, uma ação política que desafia o imaginário tradicional e afirma a centralidade da mulher preta na cultura popular brasileira.

Essa proposta de ressignificação se articula também com o pensamento de González (1984), ao enfatizar a importância do lugar de fala das mulheres pretas nas expressões culturais afro-brasileiras. Segundo a autora, o racismo e o sexismo estruturam uma lógica de invisibilidade e subalternidade que precisam ser combatidas tanto nos espaços sociais quanto nos campos simbólicos. A capoeira, como espaço de resistência e criação, deve ser também um território de disputa e reconstrução dessas narrativas.

⁵“O feminismo angoleiro se apresenta como um esforço organizado das mulheres iniciadas na tradicional Capoeira Angola em promover o seu entendimento sobre a própria capoeira, para além de um jogo corporal, como um jogo político em que estão colocados aspectos da resistência cultural e da memória dos povos negros, ainda que não mais apenas inserida exclusivamente nos chamados “espaços negros”, bem como para além das fronteiras nacionais.” (Araújo, 2017. p. 01).

Dessa forma, o simbolismo da cabaça do berimbau revela-se como um campo fértil para a reflexão crítica feminista angoleira. Ao mesmo tempo em que pode ser vista como metáfora do corpo feminino, com toda sua potência geradora e ressonante, ela também reflete a história de objetificação e marginalização que o feminismo se propõe a desconstruir. A crítica e a ressignificação desses símbolos são fundamentais na presença de nossos parceiros, sobretudo, homens pretos que também são prejudicados nas diversas tentativas de extermínios e embranquecimento dentro da capoeiragem.

Estas estruturas não são fixas, mas configurações de práticas localizadas dentro de nossas rodas. Assim, a percepção dessas estruturas parte dos símbolos do poder patriarcal, os quais frequentemente reduzem as subjetividades vivenciadas pelos corpos na roda de Capoeira. Conforme Raquel Gonçalves Dantas (2020), o feminismo angoleiro se destaca ao produzir uma ressignificação de sentidos (Dantas, 2020) recolocando em giros os fundamentos da Capoeira e possibilitando sua reconfiguração por meio de práticas coletivas. Seguindo Dantas, a Capoeira, enquanto prática comunicativa emergente e compartilhada, depende da compreensão de um corpo em constante movimento, aberto ao deslocamento e às diversas formas de enfrentamento dentro da pequena roda (Dantas, 2020, p. 110). Essa perspectiva amplia as possibilidades de revisão das normas de gênero no contexto da Capoeira, permitindo o fortalecimento de relações mais equitativas e plurais.

A proposta deste estudo é analisar como o cosmo de saberes da Capoeira permite a constituição de um território-corpo que rasura e tensiona as atuações sociais normativas. A Capoeira, além de ser um espaço de movimento e luta, também promove um envolvimento profundo com o coletivo, a natureza e a espiritualidade. A cabaça nos racha a cabeça com seu som e movimentos de cabeçada. Nos a-brin-do, fazendo as nossas nervuras se enraizarem, se enroscarem na boca que tudo canta e sonoriza. Por meio de ladainhas e cantigas, forma-se um corp[a]o-político em constante luta, seja na pequena ou grande roda, reafirmando a Capoeira como um espaço vivo de transformação e contestação.

Figura 1: Cab[e]ça



Fonte: Laercio Oliveira.⁶

⁶ Técnica: Colagem digital.

Epistemologias, Memórias e Resistências na Capoeira: Um Combate Simbólico na Roda

*Na cozinha, ela guarda o segredo,
Do mingau quentinho, cheio de afeto,
Entre as mãos da avó, que, com cuidado,
Transforma o simples no mais perfeito.*

É dentro deste jogo tocado pelo berimbau na pequena roda⁷ que as/os corp[a]os são alimentandos imbricando em nós uma produção epistemológica de enfrentamento. Aprendemos a fazer a posição negativa, de cabeça para baixo, invertendo a ordem do mundo observando seus movimentos rígidos. A voz da cabaça alimenta a corp[a]o com memórias, desde as ladainhas até as despedidas - adeus, adeus, boa viagem. Onde todo canto é feito com Orixás, voduns e inquices, revoltas e lutas, amores e tristezas, terra e morte. Essa estrutura ritualística ensina a repetir os gestos [en]cantados e jogados, aqui se encapoeira com uma abundância de saberes-outros que não se enrijecem no mercado de troca de Exú.

O/a corp[a]o, nesse sentido, emerge como o principal agente de transformação e conhecimento, espiralando os saberes da cab[e]aça. Esses saberes, ao produzirem significados-outros, provocam rupturas - rasura na ideia de corpo⁸, que partem do apêndice do homem para produzir as outras unidades de diferenciação. Nesse contexto, o/a corp[a]o é concebido como um “jogo político, no qual se encontram elementos de resistência cultural e de memória dos povos negros (Rosângela Costa Araújo⁹, 2017, p.1).

Assim, nosso avanço de combate acontece na grande roda - em respostas - querendo evitar mais perdas. Nessa guerrilha, avançamos com concessões e pequenos

⁷ Grande roda é a forma como angoleiros e angoleiras se referem à sociedade mais ampla, sendo a pequena roda os espaços dos aprendizados e práticas da capoeira

⁸ Homem, entendemos como elemento central da lógica binária de diferenciação de corpos. Que está colada em ser branco, cis, heterossexual e cristão. Onde esse corpo se estende para compreensão de humanidade.

⁹ Optamos por referência com primeiro e último nome como enfrentamento ao epistemicídio.

retrocessos do inimigo, os quais são posteriormente absorvidos e ressignificados para fortalecer a concepção de humanidade dentro da lógica moderna.

A utopia dentro do decolonial é buscar por interconexões com o território de forma que este corpo alimentado pelas memórias se re-surja de outro no seu cosmo. “A utopia não é um objetivo nem uma meta. Tampouco é um sonho” (Glissant; Obrist, 2023, p.62). A utopia é o que nos falta no mundo. E se é o que falta, para nós falta a imagem de um cosmo dentro das nossas produções epistemológicas.

Nesse sentido, a re-construção de um cosmos dentro das epistemologias do território torna-se essencial para superar as narrativas que moldam as concepções de corpo humano e saber. “Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos” (Antônio Bispo dos Santos [Nêgo Bispo], 2023, p. 28). Aqui somos um colagista e capoeirista um outro cosmo no território amefricano¹⁰, somos interconectados ao território. Para além de uma cosmofoobia¹¹ que tenta afugentá-lo chamando de dança ou esporte, querendo prender seu gingado, encapsular seus modos de produção de vida e as suas possibilidades ontológicas de sentir.

No interior da pequena roda, o território-corp[a]o¹² torna-se elemento central de transformação e produção de conhecimento. Dessa forma, a utopia decolonial é um processo contínuo de movimento, capaz de tensionar estruturas normativas e abrir espaço para epistemologias insurgentes que reafirmam o território como elemento essencial na construção.

Compreendemos a potência do corp[a]o-encapoeirado e a cabaça no contexto cosmológico, onde torna-se um espaço de produção epistemológica que se inscreve no cosmo de práticas culturais e rituais afro-brasileiros. A cabaça, enquanto elemento

¹⁰ A amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada [...] Em consequência, ela nos encaminha no sentido de toda uma identidade étnica. Reconhecê-la é, em última instância, reconhecer um gigantesco trabalho de dinâmica cultural que não nos leva para o lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: amefricanos. Como bem nos ensina Lélia Gonzalez (1988, p. 76).

¹¹ Cosmofoobia é um termo cunhado pelo quilombola Antônio Bispo dos Santos (1959–2023) para definir o medo do cosmos, do sagrado e da natureza. A cosmofoobia é uma perspectiva que caracteriza o mundo moderno.

¹² Esse conceito melhor se aproxima da constituição do corp[a]o amefricano, o conceito de corporeidade se faz dentro em um exercício de exterioridade do território.

sonoro essencial na entoação de rezas, na marcação do ritmo da roda e na preservação de histórias, cantigas e ensinamentos transmitidos coletivamente. Dessa maneira, o corp[a]o-encapoeirado não é apenas veículo de memória e resistência, mas também possibilidade, a continuidade e a renovação dos saberes tradicionais.

O termo *corpo encapoeirado* foi cunhado por Ivanildes Senna (2015), mestra de Capoeira Angola em Salvador-BA, e referência na prática. Senna, mulher preta que pratica a arte do brincar como continuidade da Capoeira. Para ela, a/o corp[a]o-encapoeirado relaciona-se com os estudos de gênero na Capoeira, proporcionando diálogos sobre diferentes corporeidades e, sobretudo, questionando representações normativas que perpetuam padrões hegemônicos.

O *corpo encapoeirado* de corp[as]os são identificados como “o outro” ou o “diferente” em relação ao corpo normativo, trava uma luta constantemente para se expressar fora dos valores ideológicos pré-estabelecidos em suas gingas, nos movimentos de ataque e defesa, na construção dialógica do jogo – por meio da pergunta e da resposta – e na musicalidade cantada, tocada e jogada, ou seja, tudo isso é considerado fundamento. Assim como o berimbau se consolidou como elemento essencial na Capoeira, a/o corp[a]o encapoeirado emerge como símbolo de ruptura e de ressignificação das identidades afro-brasileiras.

Questionar as representações padronizadas está intrinsecamente relacionado ao processo de cura das feridas históricas e socioculturais, muitas vezes denominado de empoderamento. Romper com narrativas limitantes possibilita a criação de espaços onde os indivíduos podem reivindicar suas constituições subjetivas.

Esse processo é essencial não apenas para a promoção do bem viver/estar individual e coletivo, mas também para a construção de uma sociedade na qual cada sujeito tenha a liberdade para se expressar sem o receio de ser enquadrado a partir de rótulos ou representações previamente estabelecidas. Infelizmente, essas estruturas normativas estão presentes em diversas culturas, inclusive as que tocam e/ou utilizam cabaças.

Assim, ao repensar criticamente as formas de representação e suas implicações na subjetividade e no pertencimento social, abre-se caminho para a ressignificação de

práticas culturais, permitindo que as expressões individuais e coletivas se fortaleçam na construção de um conhecimento mais inclusivo e representativo.

*Na roda de Capoeira, ressoa o som,
Batuque que nasce do coração,
De cabaça, o eco que se espalha,
Melodia da nossa tradição.*

*Na terra, o sol a acaricia,
Cresce a cabaça, simples e forte,
Usada nas mãos do sábio,
Em rituais que falam de sorte.*

O cosmo-encapoeirado, é sistematicamente atacado e negligenciado e enfrenta uma descaracterização promovida pela hegemonia do pensamento científico moderno, sustentado por concepções universalistas e totalitárias. Essas formas de conhecimento emergem de uma política e ética que mantêm o poder sobre saberes historicamente marginalizados, reduzindo suas complexidades e dinâmicas autônomas como observa Catherine Walsh (2009). A negação desses saberes limita as possibilidades de compreensão de mundos, coletividades e existências, constringendo o corpo-encapoeirado a uma reflexão hermética e desvinculada do afeto, da terra e da vida.

Aqueles que nunca se colocaram em uma encruzilhada, em diálogo com modos independentes de saber, enfrentam dificuldades para escolher caminhos de conhecimento outros. Afinal, a reflexão sobre si, isolada de outras formas de percepção, não é suficiente para a criação de significados profundos e redes de associações simbólicas. A construção do conhecimento complexo e significativo se dá na intersecção entre o meio da roda, a cabaça, a cantiga e seus fundamentos, pois são esses elementos que fornecem as bases para o entendimento das práticas culturais em sua totalidade (Jafelice, 2023).

A corp[a]o- encapoeirado é uma compreensão de um modo de raciocinar deste cosmo-encapoeirado e de uma compreensão própria da vida que transcende a construção metafísica dada e imposta pelos paradigmas modernos (Jafelice, 2023). A

corp[a]o-encapoeirada que vive, vive porque conhece – e esse saber não se restringe à ciência, mas integra um saber experiencial, ancestral e coletivo.

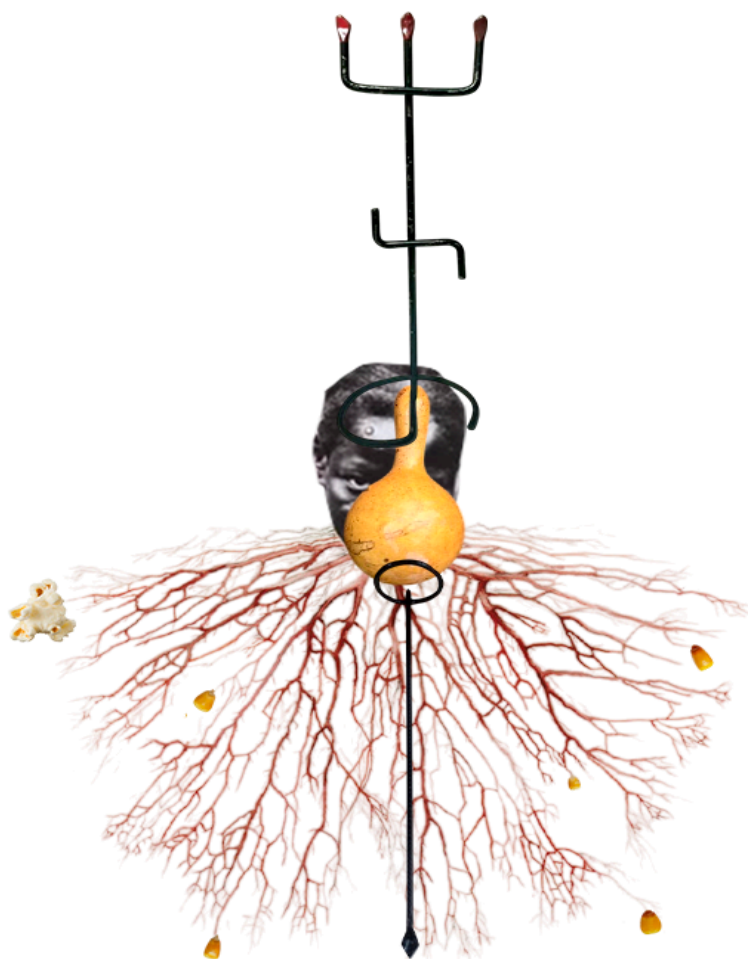
A construção de epistemologia outras a partir de saberes ancestrais não deve ser compreendida apenas como um resgate de uma localidade e temporalidade do passado, mas como um conhecimento que possui contemporaneidade e relevância na atualidade. Esses saberes constituem-se por novos processos, práticas e estratégias de intervenção intelectual, que se entrelaçam ao campo “cosmogônico-territorial-espiritual da própria vida” (Walsh, 2009, p. 15), provocando ações que reafirmam a existência e a continuidade das tradições.

Assim como a escolha da terceira cabaça por Exú que representa um princípio fundamental de desvio, transformação e reinvenção de situações ao promover a abertura de múltiplas possibilidades. Essa lógica permite que os praticantes explorem diferentes possibilidades de ação e reação, assim como Exu que, ao escolher a cabaça vazia, abre espaço para novas criações e combinações. Dessa forma, tanto a Capoeira quanto os saberes ancestrais resistem às tentativas de fixação e cristalização impostas pelas epistemologias hegemônicas, permitindo a emergência de conhecimentos dinâmicos e circulares que renovam práticas culturais e ampliam os horizontes da existência. Ao considerar essas interações, reconhece-se que a Capoeira não apenas preserva a memória de povos Amefricanos, mas também estabelece uma contínua reinvenção do saber, sustentando sua contemporaneidade e sua potência de transformação.

*Na festa, enfeitada com cores mil,
Enfeites, máscaras, um brilho sutil,
No carnaval, a cabaça se põe,
No rosto, revelando a alma do Brasil [Amefricana].*

Figura 2: Cab[e]ça de Exú e Odé¹³

¹³ Ver a música: [Salve as Folhas](#) – [Maria Bethânia – Brasileirinho]. Acesso em 26, mai. 2025.



Fonte: Laercio Oliveira. Técnica: Colagem digital.

ADEUS POVO BOM ADEUS

A cabaça emerge não apenas como um objeto, mas como um elo vital que conecta o passado ao futuro, reafirmando a riqueza dos saberes ancestrais e a necessidade de sua transmissão às novas gerações. O diálogo entre as técnicas de Capoeira Angola, expressões culturais e a reflexão sobre gênero e colonialidade revela a complexidade das identidades em uma sociedade marcada por hegemonias. A Capoeira, como prática cultural e filosófica, não apenas preserva tradições, mas permite a ressignificação de discursos, fortalecendo sua função como espaço de resistência e transformação.

Assim, este estudo não apenas celebra a tradição, mas também propõe reimaginar a Capoeira como um espaço de luta contra o machismo, racismo e homofobia, onde a resistência se manifesta em cada movimento e cada som. Que a cabaça continue a ecoar as histórias, lutas e esperanças dos corp[a]os encapoeirados, inspirando novos caminhos de conhecimento e pertencimento em um mundo que busca incessantemente por justiça e reconhecimento.

LADAINHA

O sonho da mulher preta
É conseguir permanecer
Na sua prática ancestral
Fazendo o miserê

Com muito amor à Capoeira
Tô dedicando a minha vida
Até formei na universidade
Partilhando a grande valia

Para uma mulher preta isso nem era possível
Agradeço as mais velhas que começaram um novo caminho

Enfrentei muito racismo, pra chegar aonde estou
Preconceito daqueles que nem sabe que falou

Mas todo dia que me levanto
Peço a benção a mãe Nanã
Omolú e os pretos velhos
E também meu guardião

Olha se hoje estou aqui cantando essa oração
É pra acalmar a minha mente
E também meu coração
Camaradinha
Iê salve as cabaças

Composição: Treinela Sandy Prata

Referências

ARAÚJO, Rosângela Costa. Ginga: uma epistemologia feminista. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 11, p. 1-14, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

DANTAS, Raquel Gonçalves. **Corpo-comunicação**: um estudo sobre a ginga feminista angoleira. 2020. 276 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GLISSANT, Édouard; OBRIST, Hans-Ulrich. **Conversas do arquipélago**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Heci Regina Candiani. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JAFELICE, Luiz Carlos. **Educação científica decolonial**: incluindo o imensurável, inefável, improvável. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

NEJELISKI, Danieli Maehler. **O porongo (Lagenaria siceraria) como matéria-prima para a produção de recipientes**: caracterização e impermeabilização. 2015. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

SENA, Ivanildes Teixeira. **No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo**: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola. 2015. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

Corp[a]o, Memória e Tradição: A simbologia da cabaça no cosmo-encapoeirado

Abstract: This study reflects on the importance of the gourd as a central element in Amefrican cultural manifestations, with an emphasis on Capoeira Angola, from the perspective of Angolan feminism conceptualized by Rosângela Araújo (Mestra Janja). The analysis is based on the experience of two black artists, in the context of postgraduate studies in education, who highlight interculturality and Afro-Merindian traditions as determining influences in their practices and knowledge. In view of this, the emphasis is on the body as a support for memories and cultural resistance, recognizing black corporeality, especially female, as fundamental in the construction of emancipatory narratives. The gourd, as a symbol of ancestry, circularity and power, is reinterpreted in Angolan feminism as a metaphor for the female body, challenging objectification and affirming its centrality in the culture of resistance. Furthermore, the study discusses the gourd as a sounding board for the berimbau, essential in the sound amplification of capoeira and in the preservation of ginga against cultural erasure, promoting a reconfiguration of the protagonism of femininity in the Afro-Brazilian cultural narrative. As a symbol of resistance, identity and circularity, the gourd assumes, from the perspective of Angolan feminism, the role of an instrument to reaffirm the centrality of black women in popular culture, history and the struggle for social justice, questioning the partnership of other ethnic-social groups, especially men. Finally, the article proposes an articulation between cor[a]o, gourd and Capoeira Angola, highlighting the importance of memory, traditions and female protagonism in the consolidation of Afro-Brazilian identity in contemporary times. By establishing these connections, we seek to deepen the understanding of the relationships between culture, resistance, gender and ancestral knowledge, contributing to the valorization of Afro-African practices and to the deconstruction of limiting narratives that marginalize black women in history and culture

Keywords: gourd. capoeira body. memory.

Recebido: 30/05/2025

Aceito: 03/03/2026